

APOIO DE PORTUGUÊS

SINTAXE I – SUJEITO E PREDICADO A

1. (TERMOMECANICA) Leia a tirinha para responder às questões de número 01



(<https://m.facebook.com/tirasarmandinho/photos/d41d8cd9/> Adaptado)

Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, o sujeito das orações:

“Gambás são animais silvestres”; “Vamos deixá-lo em paz”; “Não há mais mata” e “Cortaram tudo”.

- a. sujeito simples (gambás); desinencial ou oculto (Nós); sujeito simples (mata) e sujeito inexistente.
- b. sujeito composto (gambás); sujeito simples (lo/ele); sujeito indeterminado e sujeito simples (tudo).
- b. sujeito simples (gambás); desinencial ou oculto (Nós); sujeito inexistente e sujeito indeterminado.
- d. sujeito composto (gambás); indeterminado; sujeito simples (mata) e sujeito desinencial ou oculto (Eles).

2. (TERMOMECANICA) Leia o texto para responder à questão a seguir:

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai à porta do Ateneu*. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que faz com que o poema dos cuidados maternos pareça um artifício sentimental, com a vantagem única de tornar a criatura mais sensível à impressão rude do primeiro ensinamento. Lembramos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não

viesses de longe as muitas decepções que nos envergonham.

Eufemismo, os felizes tempos, abrandamento apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Os desejos variam, as aspirações se transformam, alimentadas perpetuamente pelo mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

(Raul Pompeia, O Ateneu. Editora Nova Fronteira Participações S.A. Adaptado)

* Ateneu: nome de um Colégio no sistema de internato.

Assinale a alternativa que destaca o sujeito e classifica o predicado na passagem do 1o parágrafo – ... o poema dos cuidados maternos pareça um artifício sentimental...

- a. o poema dos cuidados maternos; predicado nominal.
- b. um artifício sentimental; predicado nominal.
- c. o poema dos cuidados maternos; predicado verbal.
- d. um artifício sentimental; predicado verbal.

3. (TERMOMECANICA) Leia o texto para responder à questão a seguir.

Contra o relógio

O debate sobre reinstaurar o horário de verão voltou à baila porque o Brasil está de novo perante o risco de apagões. Represas do Sudeste e do Centro-Oeste, principais regiões fornecedoras de hidreletricidade, entraram na primavera com menos de 20% da capacidade. A maior estiagem em nove décadas ameaça essa reserva para abastecimento no verão, quando cresce o consumo.

Há que ressaltar o fato de quase dois quintos de brasileiros se posicionarem contra a medida. Um contingente considerável se incomoda o suficiente com tal modificação da rotina para descartá-la, mesmo ameaçado de falta de eletricidade e pagando contas de luz que só aumentam.

Uma hora de adiantamento parece pouco, mas basta para afetar de modo significativo ritmos corporais influenciados pelo ciclo diário de luz e escuridão. Há estudos que apontam maior incidência de infartos, depressão e acidentes de trânsito e trabalho durante a vigência do horário de verão.

O Operador Nacional do Sistema Elétrico descarta a providência, mas em breve poderá ser obrigado a catar quilowatt-hora por quilowatt-hora onde for possível. Trata-se de escolha defensável diante da gravidade da situação, mas ainda carece de mais embasamento para se firmar como política pública.

(Editorial. Folha de S.Paulo, 26.09.2021. Adaptado)

Na passagem do primeiro parágrafo – A maior estiagem em nove décadas ameaça essa reserva para abastecimento no verão, quando cresce o consumo. –, os termos da oração destacados funcionam, correta e respectivamente, como:

- a. sujeito e verbo intransitivo.
- b. sujeito e verbo transitivo direto.
- c. objeto direto e verbo intransitivo.
- d. objeto direto e verbo transitivo direto.

4. (TERMOMECANICA) Leia o texto para responder à questão a seguir.

Um mundo caótico

Na origem, nada tinha forma no universo. Tudo se confundia, e não era possível distinguir a terra do céu e do mar. Esse abismo nebuloso se chamava Caos. Quanto tempo durou? Até hoje não se sabe.

Uma força misteriosa, talvez um deus, resolveu pôr ordem nisso. Começou reunindo o material para moldar o disco terrestre, depois o pendurou no vazio. Em cima, cavou a abóbada celeste que encheu de ar e de luz. Planícies verdejantes se estenderam na superfície da terra, e montanhas rochosas se ergueram acima dos vales. A água dos mares veio rodear as terras. Obedecendo à ordem divina, as águas penetraram nas bacias, para formar lagos, torrentes desceram das encostas, e rios serpentearam entre os barrancos.

Assim foram criadas as partes essenciais de nosso mundo por essa força misteriosa. Elas só esperavam seus habitantes. Os astros e os deuses logo iriam ocupar o céu, depois, no fundo do mar, os peixes estabeleceriam seu domicílio, o ar seria reservado aos pássaros e a terra a todos os outros animais.

Era necessário um casal de divindades para que novos seres e deuses fossem gerados. Foram Urano, o Céu, e Gaia, a Terra, que puseram no mundo uma porção de seres estranhos.

(Claude Pouzadoux, Contos e lendas da Mitologia Grega)

Assinale a alternativa que indica corretamente a função sintática da expressão esse reconhecimento.

- a. objeto direto.
- b. predicativo do sujeito.

- c. objeto indireto.
- d. sujeito.

5. (TERMOMECANICA) Assinale a alternativa em que ocorra sujeito indeterminado.

- a. Deus, Deus, que farei?
- b. Vendem-se casas.
- c. Os ladrões invadiram minha casa e roubaram minha bicicleta.
- d. Precisa-se de empregada.
- e. Foram João e Maria à feira.

6. (TERMOMECANICA) Assinale a única alternativa em que o verbo NÃO é de ligação.

- a. Os passageiros continuavam no saguão do aeroporto.
- b. João está feliz.
- c. A moça permanece aflita.
- d. O rapaz parecia desolado.
- e. Seu comportamento tornou-se insuportável.

Texto para a questão a seguir

Fomos proibidos de te amar, São Paulo

Herdamos o mito dos bandeirantes, e vocês transformaram Borba Gato, esse genocida, em fundador de nossa identidade. De legado, temos esta metástase em forma de desenvolvimentismo estéril, estas milhões de toneladas de concreto que hoje tentamos adornar para deixá-las suportáveis, mas que seria melhor não existissem.

Nos confinaram em bolhas de metal, em bolhas de concreto, em bolhas de vidro, como se fôssemos gado que tem por ração plástico. Disseram na nossa cara que praia de paulistano é shopping, que Cumbica é o melhor lugar de nossa cidade, que plano de aposentadoria é pousada na Bahia.

Que aqui não se cria filho, que essa terra só serve para ganhar dinheiro, como uma versão apocalíptica de Serra Pelada.

Nos deram uma ponte hedionda como novo cartão postal, transformaram nossa espinha dorsal em uma avenida de banqueiros, bairros inteiros em cidades-dormitório. Nos chamaram de feios, sem horizonte, sem perspectiva além da fuga. Que aqui não tem amor. Envenenaram nosso ar, nossa água, e até ela nos usurparam.

Por identidade nos deram os bairros, que ainda assim se digladiam entre si, o excesso de trabalho e um superpoder: a capacidade de deixar o outro invisível, praticada todos os dias com pessoas e lugares, nos semáforos, quando nos deparamos com o dependente químico que chamamos de zumbi, metáfora usada em

tom cruel e irônico para dar nome ao nosso maior monstro social, justamente porque eles não produzem como nós, os vivos.

Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem⁶. Nos legaram um palimpsesto de cidade, onde sobreposamos uma camada de concreto à outra, sem respeito pelo passado, planejamento ou cuidado.

Nos disseram que devemos conquistar ou ser conquistados, non ducor duco*, fomos colocados em estado permanente de guerra uns contra os outros, nos envenenaram com o medo pelas ruas e deixaram que o único elemento que nos cimentasse fosse o ódio comum e ancestral por São Paulo.

Sem história, sem horizonte, perdidos. Fomos proibidos de te amar, São Paulo.

Chega. Talvez essa relação atávica de ódio nos encha os olhos de cataratas e não consigamos dar nome a essa emergência ainda, mas o faremos, com o devido distanciamento histórico. Ocupamos as ruas com comida, com música, com arte, com cinema, com vida em toda a sua potência⁷. Vimos no feio o belo¹³, deixamos de ter medo da rua, que surge como um eixo que começa a aglutinar em torno de si uma nova identidade de paulistano. Lutamos com mil unhas e dentes por um pedaço de terra que até então não era mais do que¹⁰ um estacionamento e que chamaremos de parque.

Fizemos da cicatriz causada pelo militarismo um espaço para ensinar os novos paulistanos a andarem de bicicleta. Ocupamos lugares que nunca tínhamos visto e recuperamos a avenida das mãos dos banqueiros. Faremos turismo na cidade que habitamos. Não aceitamos mais esse ódio, esse estado permanente de guerra, a necessidade de conquistar o outro diariamente. São Paulo é uma cidade no futuro: pós-apocalíptica, radioativa, seca, onde um dia dinheiro e trabalho não serão os únicos imperativos da vida social. Quando o mundo tremer, todas as cidades serão parecidas com a nossa. Do caos e da feiura emerge uma beleza que apenas nós, que rejeitamos sua ideia de belo, vemos.

Temos vontade de rua, negamos seus heróis, seus monumentos, seus carros, seus modos de vida.

Nem que nos custem décadas, mas faremos algo belo com os escombros que herdamos e deles faremos uma cidade, não uma abstração chamada São Paulo. Ocuparemos cada fresta, cada trinca, cada buraco da cidade cinza. Aqui se encerra esse ciclo de ódio e se abre uma possibilidade de um novo começo na relação com São Paulo. Nossa terra está em transe. Somos afortunados. Somos os novos paulistanos, e essa cidade é nosso rolê.

(GUERRA, Facundo. Fomos proibidos de te amar, São Paulo.)

* expressão latina: "não sou conduzido, conduzo"

7. (COTIL) Considere a oração: "Vimos no feio o belo"

I) O sujeito não está explícito na oração, mas sabe-se que é simples;

II) O sujeito não está explícito, mas pode-se identificá-lo pela desinência verbal;

III) O termo "o belo" desempenha a função de objeto indireto;

IV) O termo "no feio" desempenha a função de adjunto adverbial.

Está correto o que se afirma em:

- a. I e III
- b. I, II e III
- c. II, III e IV
- d. II e IV

Texto para a questão a seguir

OS FILHOS DO LIXO

Lya Luft

Há quem diga que dou esperança; há quem proteste que sou pessimista. Eu digo que os maiores otimistas são aqueles que, apesar do que vivem ou observam, continuam apostando na vida, trabalhando, cultivando afetos e tendo projetos. Às vezes, porém, escrevo com dor. Como hoje.

Acabo de assistir a uma reportagem sobre crianças do Brasil que vivem do lixo. Digamos que são o lixo deste país, e nós permitimos ou criamos isso. Eu mesma já vi com estes olhos gente morando junto de lixões, e crianças disputando com urubus pedaços de comida estragada para matar a fome.

A reportagem era uma história de terror – mas verdadeira, nossa, deste país. Uma jovem de menos de 20 anos trazia numa carretinha feita de madeiras velhas seus três filhos, de 4, 2 e 1 ano.

Chegavam ao lixão, e a maiorzinha, já treinada, saía a catar coisas úteis, sobretudo comida. Logo estavam os três comendo, e a mãe, indagada, explicou com simplicidade: "A gente tem de sobreviver, né?".

Não sei como é possível alguém dizer que este país vai bem enquanto esses fatos, e outros semelhantes, acontecem. Pois, sendo na nossa pátria, não importa em que recanto for, tudo nos diz respeito, como nos dizem respeito a malandragem e a roubalheira, a mentira e a impunidade e o falso ufanismo. Ouvimos a toda hora que nunca o país esteve tão bem. Até que em algumas coisas, talvez muitas, melhoramos.

Mas quem somos, afinal? Que país somos, que gente nos tornamos, se vemos tudo isso e continuamos comendo, bebendo, trabalhando e estudando como se nem fosse conosco? Deve ser o nosso jeito de sobreviver – não comendo lixo concreto, mas engolindo

esse lixo moral e fingindo que está tudo bem. Pois, se nos convenceremos de que isso acontece no nosso meio, no nosso país, talvez na nossa cidade, e nos sentirmos parte disso, responsáveis por isso, o que se poderia fazer?

<https://renatavalerafatec.files.wordpress.com/2017/02/acervo-digital-veja-os-filhos-do-lixo.pdf>

8. (COTIL) Assinale a resposta que classifica o sujeito dos seguintes períodos destacados do texto:

I. “Há quem diga” (1º parágrafo)

II. “... como nos dizem respeito a malandragem, a roubalheira, a mentira e a impunidade e o falso ufanismo.” (4º parágrafo)

III. “Chegavam ao lixão,” (3º parágrafo)

a. (I) oracional – (II) composto – (III) oculto

b. (I) simples – (II) simples – (III) indeterminado

c. (I) oração sem sujeito – (II) composto – (III) oculto

d. (I) oração sem sujeito – (II) composto – (III) indeterminado

Mais self, menos selfie

Nos Estados Unidos existe uma expressão que não tem correspondente em português: o me time. Temos aqui o tal “tempo para mim”, mas não acho que seja a tradução correta. Esse “tempo do eu” (em tradução mais do que livre) não tem tanto a ver com as horas do dia que sobram para fazer coisas pessoais (ler aquele livro que estava parado no criado-mudo ou fazer o tratamento estético de que provavelmente você não precisa), mas sim com as horas do dia em que ficamos a sós conosco. Um tempo para curtir a solidão.

Hoje temos muito pouco “tempo do eu”. O mundo digital e suas demandas sociais fazem com que nunca estejamos sozinhos. A lógica das redes sociais de quantificar nosso sucesso através de likes e RTs nos faz perder a noção de quem realmente somos. Vivemos em função daquilo que outros atribuem a nós. Se posto uma selfie no Instagram e recebo dez likes, isso constrói meu caráter e minha persona. Se ninguém curte o que posto, acho que tenho algum problema, que minha vida não é tão interessante ou que meus amigos não ligam para mim. A construção do que sou é muito mais coletiva do que pessoal.

A geração que nasceu nos anos 1980 talvez seja a última que sabe como é ter momentos de verdadeira solidão. Aqueles em que é possível decidirmos sozinhos o que achamos de nós mesmos, que são tão importantes e que tanta gente busca hoje em dia. O famoso “tempo do eu”.

Será que antes da internet a vida era melhor porque tínhamos mais “tempos do eu”? Não! Nem melhor, nem pior, ela simplesmente era. Mas era num ritmo bem mais

lento, menos exigente e menos frenético. As redes sociais nos exigem, mas é extremamente interessante e encantador ter acesso a toda a informação do mundo, à cultura que corre livre pelas redes, ao conhecimento, consumo, relações.

A internet nos deu o mundo e ao mesmo tempo nos tirou do nosso mundinho próprio. Ele era muito mais restrito, verdade, mas nos permitia ter momentos solitários em que podíamos nos dedicar mais ao nosso self do que à selfie perfeita.

A vida lá fora é maravilhosa, mas tirar um tempo para ficar só de vez em quando pode ser melhor ainda. Tentel! :)

Bia Franja -

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/02/mais-self-menos-selfie.html>

9. (COTIL) Coloque (V) para verdadeiro e (F) para falso, de acordo com o texto. Em seguida, assinale a resposta correta.

I – () “... com as horas do dia em que ficamos a sós conosco.” (1º parágrafo) – conosco é um pronome pessoal com valor reflexivo.

II – () Se alterarmos o sujeito da afirmação I para você e conservarmos o pronome pessoal com valor reflexivo, teremos que substituir conosco por consigo.

III – () Se alterarmos o sujeito da afirmação I para você e conservarmos o pronome pessoal com valor reflexivo, teremos que substituir conosco por com você.

IV – () Em “... não tem tanto a ver com as horas do dia...” (1º parágrafo), o correto seria substituir o verbo ver por haver.

a. V – F – V – F

b. V – V – F – F

c. V – V – F – V

d. F – F – V – V

10. (COTUCA) “Smith nomeou também slam os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade”.

Sobre o trecho reproduzido, é possível afirmar que o sujeito do verbo “organizava” é:

a. “Smith”

b. “Slam”

c. “Slam” e “campeonatos de performances poéticas”

d. “campeonatos de performances poéticas”

e. “performances poéticas”

Gab.: 1-c; 2-a; 3-c; 4-d; 5-d; 6-a; 7-d; 8-c;9-b;10-a